

# Um recreio plugado com a rádio gaiola: permeabilidade das identidades juvenis<sup>1</sup>

Marta Campos de Quadros<sup>2</sup>  
Rosane Speggorin Linck<sup>3</sup>

## RESUMO

Este artigo é o recorte de duas pesquisas que buscaram compreender como se dá a produção de identidades culturais juvenis e a sua articulação com o contexto da escola. Aqui são tomados os momentos do recreio e da realização de uma oficina de técnica radiofônica em uma escola de ensino fundamental da rede municipal de São Leopoldo (RS) e discutida a constituição de identidades juvenis a partir da produção/fruição de uma espécie de emissora de rádio que jovens alunos *colocam no ar* e escutam. Tais estudos estão inscritos no campo dos Estudos Culturais e Educação e apoiados teórico-metodologicamente em técnicas etnográficas como ferramentas para as análises. Enfatizamos que esses jovens constituem grupos e ocupam/disputam espaços, a partir dos estilos musicais produzindo práticas sociais que terminam por *lugarizar* espaços no pátio da escola. Nesse processo são atribuídos significados pelos jovens alunos aos espaços ocupados durante o recreio, atravessados por relações de poder. Constatamos que as práticas de escuta neste contexto escolar se constituem como marcador identitário comum entre os diversos grupos e através da qual os *outros* se tornam o *nós*.

**Palavras-chave:** Estudos Culturais; Recreio Escolar, Identidades Juvenis; Rádio.

## A school break time connected with Gaiola Radio Station: permeabilities of youth identities

---

<sup>1</sup> Uma primeira versão deste artigo foi apresentada e consta dos Anais do 3º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação (ULBRA, Canoas, 2008). A presente versão foi revisada e ampliada pelas autoras após a conclusão das pesquisas aqui articuladas: Linck (2009) e Quadros (2011), conforme referências.

<sup>2</sup> Pesquisadora associada ao Núcleo de Estudos Currículo, Cultura e Sociedade e Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora e Mestre em Educação. Graduada em Comunicação Social. E-mail: [radiocapelinha@terra.com.br](mailto:radiocapelinha@terra.com.br)

<sup>3</sup> Mestre em Educação (UFRGS), Especialista em Alfabetização e Dança (PUCRS), Graduada em Pedagogia. Professora da rede municipal de ensino de Dois Irmãos (RS); e-mail: [roanesk@gmail.com](mailto:roanesk@gmail.com)

## ABSTRACT

This article is developed from the articulation of two studies that aims to understand how specific cultural practices, occurred during school break times, may affect the production and the stressing points in youth cultural identities and membership processes in the context of the school. In this way we had taken moments of the school break time and of a radio broadcasting workshop on an elementary public in São Leopoldo ( RS ) and discussed the production of youth identities from the production / enjoyment of a kind of radio broadcasting station that young students broadcast and listen . The theoretical support of this essay is found in the Cultural Studies, adopting the postmodern ethnography as theoretical and methodological tools. We emphasize that these young groups occupy / vie spaces from the musical styles producing social practices that eventually resulting in *particular locals* on the schoolyard . In this process meanings are assigned by the young students to these specific places during the school break time, traversed by power relations. We note that the practices of listening within the school context are constituted as common identity marker among diverse groups and through which *the others* become *we* .

**Keywords:** Cultural Studies; School Break Time; Youth Identities; Radio Broadcasting.

## SINTONIZANDO COM JOVENS ALUNOS NO MOMENTO DO RECREIO

No dia do primeiro encontro com o pessoal da Rádio Gaiola fazia muito frio e chovia, aliás, fato comum para o inverno gaúcho. Foi muito difícil chegar até a escola. Barro, ruas sem calçamento. Chuva, muita chuva. Quando cheguei à escola, um garoto sorridente me recebeu.

– Tu deves ser a professora de rádio! Eu sou o teu guia. O pessoal já tá esperando na sala. Fica lá no fundo, depois da pracinha das crianças.

Respondi timidamente e me limitei a seguir o *meu guia*. Atravessamos o pátio, dois prédios de alvenaria, a pracinha das crianças e, finalmente, chegamos a uma pequena casa de madeira pintada de verde desbotado e branco. O garoto sorriu e avisou:

– É aqui, o pessoal tá lá dentro.

O “pessoal” me espiava pela janela. Olhei para a porta e li: ‘Sala de Reforço Escolar’. Estranhei, mas entrei. [...]. O ambiente contrastava com seus ocupantes: garotos e garotas, jovens estudantes vestidos com camisetas fazendo referências aos mais variados estilos e grupos musicais. [...] Uma única garota com os cabelos presos por uma bandana vermelha, vestindo uma camiseta preta com o logotipo do *Led Zeppelin* – banda de rock britânica formada em 1968 – falou:

– E aí professora, como vai ser? A gente tá aqui prá decidir, tá ligada!? Vai ser *funk*, pagode, *rap* ou *rock*? Do *rock*, eu sou a única! (Excerto de Diário de Campo, mai. 2007)<sup>4</sup>

Práticas culturais, múltiplas identidades, comunidades provisórias, pertencimentos configuram questões presentes diariamente nos recreios escolares considerando os jovens alunos. Nesse contexto, os estilos musicais e a familiaridade com as tecnologias de comunicação mediadas constituem-se marcadores identitários relevantes para demarcar distinções e afinidades entre eles. Desta forma, escolhemos o excerto citado de nosso diário de campo que visibiliza as negociações identitárias que se travam no âmbito das culturas juvenis. Consideramos, neste sentido, o processo através do qual os jovens atribuem significados aos espaços por eles praticados e as relações de poder estabelecidas que terminam por definir quem está ‘dentro’ ou ‘fora’ de cada grupo. Inscrita neste contexto, como um dos espaços por onde garotas e garotos<sup>5</sup> circulam cotidianamente, a escola tem se constituído um lugar privilegiado para analisar a intensa produção de identidades e diferenças, lugar onde esta produção não apenas ocorre, mas é desafiada. Mas de que forma as identidades juvenis permeiam narrativas e práticas culturais existentes nos espaços/tempos da escola – aqui mais especificamente no momento do recreio e a partir da Rádio Gaiola?

Buscando respostas para tais indagações, ainda que provisórias e marcadas por situacionalidades, pensamos o consumo, como prática cultural, como pedagógico, neste contexto, pois é possível constatar também na escola as formas como os jovens *capitalizam* suas vontades de pertencimento através não só da produção e circulação de artefatos que os identificam com certa emissora ou programa, grupo musical, ou lugar de lazer, mas replicando os estilos dos comunicadores das emisoras e cantores preferidos, tomados como modelos a serem seguidos; transformados em uma espécie de marca em nível de mercado e em marcador identitário relativamente a uma determinada juventude que se distingue visualmente das demais que circulam no ambiente escolar.

---

<sup>4</sup> Utilizamos a fonte *Times New Roman*, em corpo 11 e em margem específica, diferenciada das demais citações utilizadas neste artigo, conforme norma técnica, para referir excertos dos diários de campo que constituem o *corpus* das pesquisas citadas.

<sup>5</sup> A exemplo do que Caccia-Bava (2004, p. 261) argumenta em nota, optamos aqui pelos termos *garoto* e *garota* e suas formas no plural para referir os sujeitos jovens como “uma designação coloquial, pois as outras, como adolescente, rapaz[moça] e jovem, têm já implicações qualificadas em âmbito teórico.”

Refletir sobre este processo vivido pelos garotos e garotas, jovens estudantes das séries finais do ensino fundamental de uma escola pública da periferia de dada região metropolitana (neste caso, São Leopoldo, cidade da região do Vale do Sinos, próxima à capital do estado gaúcho) possibilita visualizar a juventude como uma condição, um sintoma cultural contemporâneo, como uma construção histórica que se articula sobre recursos materiais e simbólicos cuja distribuição social é assimétrica. Conforme Margulis e Urresti (2000) e García Canclini (2005), entre outros, “se é jovem de diferentes maneiras em função da diferenciação social, de parâmetros como o dinheiro, o trabalho, a educação, o bairro, o tempo livre. A condição de juventude não se oferece de igual maneira para todos os integrantes da categoria estatística jovem” (MARGULIS E URRESTI, 2000, p. 133).

Considerando tais aspectos, os autores enfatizam a necessidade de se tomar em conta a significação atribuída em determinado contexto ao que é consumido no sentido de identificar, distinguir, conferir prestígio, localizar em determinada categoria social a quem consome. Ressaltam a efemeridade da moda e a fragilidade das identidades engendradas a partir dela. Os jovens que orientam suas práticas de consumo pela moda buscando pertencimento, reconhecimento, legitimidade e, nesta direção, adaptam suas formas de vestir, linguagem corporal, fala, preferências musicais e aparência ao grupo a que desejam pertencer, estão sujeitos à incerteza que supõe construir a identidade pessoal sobre uma exterioridade em mudança e aceleração permanente: a moda opera no limite da legitimidade e da exclusão, requer bens e destrezas culturais.

Assim, na articulação entre a cultura escolar e a cultura da mídia é possível perceber a produção das subjetividades de jovens alunos na forma de identidades juvenis que se imiscuem no cotidiano da escola. Como nos lembra Brady (2001, p.348), é desejável que os educadores se mantenham “atentos aos vários campos pedagógicos (tanto dentro quanto fora das escolas)”. Pensamos também ser desejável que os educadores estejam atentos à produção de diferentes narrativas e práticas pelos jovens alunos, através das quais aprendem/ensinam modos específicos de ser e estar na contemporaneidade.

Dayrell (2007) e Carrano (2008), entre outros autores, problematizam os modos de ser de jovens que frequentam diferentes escolas e seus vários espaços educativos. Para estes autores, infância e juventude são construções culturais, sociais e históricas, portanto, datadas e localizadas, e sujeitas a transformações marcadas por condições imbricadas na cultura contemporânea.

De acordo com esta perspectiva, as relações entre juventudes e escola não se explicam em si mesmas. Dayrell (2007) pondera que as relações entre a educação da juventude e a escola têm sido bastante debatidas, porém acabam por cair em uma visão apocalíptica e apontam para o fracasso da instituição escolar com os sujeitos escolares culpando-se mutuamente. Carrano (2008) identifica que tal situação de mútua culpabilidade está ligada ao que se poderia denominar uma situação de incomunicabilidade entre tais sujeitos escolares.

Os dois autores comentam que professores e administradores escolares tendem a rotular seus jovens alunos como “desinteressados pelos conteúdos escolares, apáticos, indisciplinados, alguns violentos, tidos como de *baixa cultura*, com sexualidade exacerbada e alienada, hedonistas e consumistas” (CARRANO, 2008, p. 182) Os alunos, por sua vez, argumentam que o melhor momento do cotidiano escolar é o recreio, momento em que efetivamente vivem a escola (LINCK, 2009) ou quando participam de projetos extra-classe envolvendo música, tecnologia, artes e esportes (SANTOS, 2006), a exemplo do projeto da Rádio Gaiola aqui em foco. Para os jovens estudantes, as aulas são uma ‘chatices necessária’, pois não têm sentido prático, os professores são despreparados e os espaços são pobres, inadequados e marcados pela ausência de meios educacionais como computadores e acesso à internet (CARRANO, 2008).

Carrano (2008) e Dayrell (2007) entendem a escola como um espaço de sociabilidades e muitos desses problemas anteriormente apontados estão relacionados com uma “ignorância relativa da instituição escolar e de seus profissionais sobre os espaços culturais e simbólicos nos quais os jovens se encontram imersos”(CARRANO, 2008, p. 183) e com a necessidade de compreender as práticas e símbolos imbricados na condição juvenil contemporânea. Neste sentido, tais autores propõem a partir de diferentes contextos que se passe a refletir sobre os sujeitos jovens e suas culturas, repensando a escola como instituição educativa para responder aos desafios que as diferentes juventudes nos colocam (DAYRELL, 2007). Carrano (2008, p.183) alerta, contudo, para a necessidade de se levar em conta que “o poder de formação de sujeitos pela instituição escolar tornou-se significativamente relativizado pelas inúmeras agências e redes culturais e educativas”. Destaca que, em tal contexto, as mídias massivas, alternativas e descentralizadas, bem como os mercados de consumo e os diversos grupos de identidade se tornaram lugares de intensa produção de subjetividades juvenis.

É nesta perspectiva que nossa pesquisa se inscreve e, desta forma, acreditamos ser necessário afinar a sintonia com as narrativas e práticas culturais destes jovens que estão constituindo as nossas escolas como uma possibilidade de compreensão e um desafio. Professores e escolas, relativamente aos jovens, parecem estar despreparados para educar juventudes produzidas nos seus mais variados espaços que vêm sendo ocupados por alunos conectados, ligados às tecnologias, que parecem não ter tempo a perder e desejam tudo ao mesmo tempo agora.

Desta forma, buscando produzir condições de possibilidade para compreender questões relativas às identidades juvenis, destacamos também a argumentação de Green & Bigun (1995, p. 209), ou seja, “se a juventude vive na pós-modernidade, também vive em muitos outros lugares e contextos e, portanto, nossa interpretação do comportamento da juventude deve reconhecer as contradições geradas, a partir dessa real complexidade histórica”. Acreditamos que essa diversidade pode ser encontrada em diferentes pátios escolares percorridos durante o momento do recreio, independente do contexto escolar.

### **POR ONDE ‘ESCUAMOS’ A RÁDIO GAIOLA...**

Nosso artigo constitui-se, então, na articulação de duas pesquisas que, ao longo de suas trajetórias investigativas refletiram e procuraram compreender como se dá a produção de identidades culturais juvenis e a sua articulação com o contexto da escola<sup>6</sup>. Aqui procuramos pontuar algumas questões ligadas às relações de poder, de gênero, de raça, de consumo midiático, de classe socioeconômica que atravessam o momento do recreio escolar e as práticas de escuta de jovens alunos, partindo dos nossos estudos inscritos no campo dos Estudos Culturais e Educação. Tais pesquisas tomam como *locus* privilegiado, neste momento, o recreio de uma escola de ensino fundamental da rede pública municipal, situada no bairro Cohab Feitoria, periferia metropolitana de São Leopoldo (RS). Amparadas na etnografia pós-moderna, estas pesquisas percorreram caminhos teórico-metodológicos que se apoiam em ferramentas que foram construídas no percurso das investigações e

---

<sup>6</sup>Tais pesquisas foram desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, junto à Linha de Pesquisa Estudos Culturais em Educação e integraram o projeto “Identidades Juvenis em Territórios Culturais Contemporâneos”. Este artigo resulta da continuidade das reflexões efetivadas no âmbito da mesma Linha.

buscaram apresentar relações que se estabeleceram durante o momento do recreio entre jovens alunos de quinta a oitava séries, durante o ano letivo de 2007/2008, mas que se repetiram em outros contextos a partir de observação realizada até 2011.

Gottschalk (1994), ao apontar a Pós-Modernidade como elemento chave para a prática da etnografia da atualidade, argumenta que, além de se posicionar no texto, escrevendo-o na primeira pessoa do singular – eu –, o “outro”, que está presente no texto, é sempre dissertado pelo eu, pesquisador. O autor também argumenta que todo o etnógrafo é seu próprio instrumento auto reflexivo de pesquisa, portanto, deve desenvolver o próprio equilíbrio através do qual relata suas histórias de forma que oportunize compreensão, identificação e empatia com os fenômenos evocados, ao mesmo tempo em que reconhece e trabalha a inevitável presença da subjetividade que está em todo o processo etnográfico.

Partindo desse entendimento, nossas análises foram produzidas a partir dos registros nos diários de campo, dos registros fotográficos, da realização de uma oficina de técnica radiofônica e diferentes conversas<sup>7</sup> ocorridas durante os períodos de observação na escola. A oficina de técnica radiofônica ocorreu a pedido da coordenação de projeto da escola, durante o segundo semestre de 2007. Nas tardes das segundas-feiras uma das autoras/pesquisadoras, também jornalista e professora universitária na área de radiojornalismo, reuniu-se com o grupo de alunos responsável pela Rádio Gaiola para discutir as possibilidades daquela tecnologia e preparar a programação da semana. Com a permissão da direção da escola, a oficina foi utilizada também como local de observação para a pesquisa. O que destacamos aqui são as identidades juvenis que permeiam o referido contexto escolar, trazendo à tona uma das atividades que ocorriam durante os recreios, ou seja, a produção/fruição da programação da Rádio Gaiola. Esta *emissora de rádio*, que tem seu funcionamento ligado a tal período de tempo escolar, durante estes minutos termina por invadir/atravessar diferentes espaços do pátio da escola, compondo efemeramente determinados lugares.

---

<sup>7</sup> Esclarecemos que optamos por conversas e não por entrevistas, tendo em vista que eram realizadas durante o período do recreio ou durante a oficina de técnica radiofônica. Todas as conversas foram gravadas e posteriormente transcritas, buscando preservar vocabulário e formas de expressão. Os alunos que participaram da pesquisa são identificados por apelidos ou pelos nomes por eles escolhidos.

Para estas pesquisas, entendemos o recreio como parte do tempo escolar, que ocupa em muitos contextos de 15 a 20 minutos de uma rotina diária. Apesar de ser um período curto, o recreio é um dos momentos mais desejados pelos alunos; e em cujo espaço/tempo se efetivam práticas sociais e se produzem narrativas que performam identidades juvenis desde suas múltiplas, simultâneas e descartáveis formas de sociabilidade.

Ressaltamos que durante o momento do recreio, os jovens alunos vão constituindo grupos, ou *comunidades fundidas por ideias*, produzindo práticas sociais que terminam por *lugarizar*, ou seja, por ocupar uma porção do espaço ao qual se atribui culturalmente – por meio das práticas e de marcadores culturais – determinados significados (VEIGA-NETO apud GARBIN, 2006). Neste processo de *lugarização*, levam-se em conta os significados atribuídos pelos jovens alunos aos espaços ocupados durante o recreio no pátio escolar, conforme Linck (2009) identifica e analisa em pesquisa realizada na mesma escola e época; ou em um estúdio improvisado onde operava a Rádio Gaiola, dentre outros.

É neste sentido que pensamos que o recreio pode ser tomado como um lugar de produção de identidades juvenis, pois ao trazermos à tona formas por vezes diferenciadas com que alguns alunos narraram suas preferências musicais, condutas e práticas de escutas musicais, estabelecendo uma diferenciação entre os diversos grupos, observamos que as identidades juvenis são constantemente produzidas no âmbito das culturas através de narrativas. Para compreendermos as narrativas deste recreio escolar, no que tange a identidades e práticas de escuta musical, lançamos mão dos registros que realizamos das conversas com os jovens alunos daquela escola, nos diários de campo, bem como das nossas observações sobre o que víamos e escutávamos, ali anotadas. Sobre narrativas, Silveira (2005) pondera que da mesma forma que as compreendemos como formas discursivas que produzem a cultura familiar, produzem outras instituições, grupos, tribos nesse constante reinventar de histórias, compartilhadas ou não, mas sempre envolvidas em redes de poder.

A partir desse cenário, apresentamos algumas das narrativas registradas em diferentes recreios, levando em conta o fato de que estes jovens alunos vão constituindo grupos e produzindo práticas sociais que terminam por *lugarizar* determinados espaços no pátio escolar. Para esta comunicação lançamos nosso olhar e escuta na direção de um espaço em particular: a Rádio *Gaiola*.



## ***A RÁDIO É O MOMENTO!***

Durante nossos passeios pelo pátio escolar chegamos à *Rádio Gaiola*. Ao lado do refeitório, entre uma parede com janela para o refeitório e o muro da escola, havia um espaço pequeno e gradeado que, rapidamente, nos momentos de recreio, se transmutava em estúdio de rádio a céu aberto – neste espaço o  *pessoal da Rádio* instalava um aparelho de tocar CDs, uma caixa amplificadora e, eventualmente, contava com o único e disputado microfone da escola em funcionamento, uma vez que o outro estava com problemas.

Tal  *emissora* de rádio foi criada em 2006 por um grupo de alunos que viria a ser a primeira diretoria do *Grêmio Estudantil Educação e Liberdade*. A Rádio Gaiola vai ao ar de segunda a sexta-feira, durante o recreio dos turnos da manhã e tarde. À noite a  *emissora* funciona esporadicamente, mas por iniciativa de um professor junto aos alunos da Educação de Jovens e Adultos. Os equipamentos são de responsabilidade da direção do GEEL, com o auxílio de uma professora. Contudo, as atividades relativas à Rádio Gaiola têm início na Sala de Reforço Escolar, onde cotidianamente a equipe de produção se reúne para discutir e decidir o que será veiculado. Lady (14 anos), uma das integrantes da equipe frequentemente expressava a sua inconformidade com a  *sala de redação* da Rádio, fazendo uma clara referência à estrutura de uma emissora formal – a sala de redação é um espaço onde redatores, repórteres e produtores nas emissoras de rádio formatam os diversos programas –, bem como ao fato do espaço ser planejado para crianças, grupo etário ao qual eles não pertenciam mais.

Tem várias coisas que a gente já conseguiu nesta escola, mas esta sala é de última! Nós não somos mais da educação infantil! A gente mal consegue sentar nas cadeiras de tão pequenas... Estas paredes cheias de cartazes com letrinhas e bichinhos são para *babies*. Olha só! Já faz muito tempo que princesas não são o meu *modelito*... E reforço escolar!? Tá ligada?! É ruim, heim... a Rádio não é reforço escolar...a gente não tá de recuperação...isto aqui é sério (ri irônica), tem que ser *profi* [profissional], na linha. Mas é claro, a gente se diverte também, com a galera! Mas a gente ainda muda isso! (Excerto de Diário de Campo, set. 2007)

A fala de Lady sinaliza a importância que aquele espaço adquiriu relativamente a suas identidades juvenis. Os integrantes da Rádio reivindicam

um espaço que visualmente expresse o fato de que eles são diferentes das crianças da educação infantil, não são mais bebês, seus símbolos não estão mais associados ao universo dado como infantil como príncipes, princesas e animais. O outro aspecto evidenciado por Lady é o fato de não estarem ali por problemas de rendimento escolar, não precisam de ‘reforço’. Contudo, sua fala faz aparecer o aspecto do prazer encontrado nas relações de sociabilidade que se estabelecem a partir da Rádio Gaiola e do momento do recreio.

Neste sentido, apesar de ser um período curto, o recreio é um espaço/tempo em que se efetivam práticas sociais e se produzem narrativas que performam identidades juvenis levando em conta suas múltiplas, simultâneas e descartáveis formas de sociabilidade. Durante o recreio, garotas e garotos ficavam próximos ao muro e à *Rádio*, cantando, conversando ou fazendo coreografias, olhando e sendo olhados. Em relação ao espaço, Veiga-Neto (2000, p.15) pontua que ele “não se reduz a um simples cenário onde se inscreve e atua um corpo. Muito mais do que isso é o próprio corpo que institui e organiza o espaço, enquanto o espaço dá sentido ao corpo”. Rocha (2000) corrobora ao enfatizar que o espaço, qualquer que seja, é um elemento importante na determinação de nossas atitudes, permanências, resistências e convivências no mundo.

O nome da *emissora* foi escolhido levando em conta o espaço que ocupa na distribuição do espaço escolar e faz referência às grades que separam seus programadores/locutores/operadores dos demais alunos da escola que escolhem frequentar aquele espaço.

A gente teve a idéia de fazer a rádio e foi à luta. Falou com a direção, disputa a tomada da cozinha e a extensão com a tiazinha da merenda. O microfone é outra lenda, tá ligada?! A escola tem só dois e um tá estragado. No início muita gente pegou junto... Até o nome foi a gente que deu: olha se não parece mesmo uma gaiola onde a gente fica preso, mas a gente tá é solto lá! Quando começou cada um trazia o cd que queria curtir com a galera no recreio. Tinha muito cd pirata sabe? Aqueles que a gente compra na rua ou vai lá na *lan house* e baixa as músicas e grava no computador. Depois os caras não querem mais trazer os cd, só querem ficar zoando em volta da Rádio e cuidando as gurias... Mas mesmo assim é legal. Tem um monte de gente que curte! E tem uns que preferem o celular... trilha individual, fazer o quê? (Excerto de Diário de Campo, ago. 2007)

No depoimento de Paulo Vinicius, 15 anos, presidente do Grêmio Estudantil e programador da Rádio Gaiola encontramos alguns elementos que

nos dizem um pouco das práticas de escuta musical e da conduta dos jovens alunos que com ela se envolvem de várias maneiras. Nossa perspectiva diante destas narrativas não é ingênua. Estes jovens alunos são oriundos de classe socioeconômica média-baixa e baixa, predominantemente afro-descendentes e, na maioria, moradores de um conjunto habitacional popular, situado num bairro de periferia, distante do bairro central da cidade de São Leopoldo.

Desta forma, consideramos que suas narrativas estão atravessadas por estes e outros marcadores identitários que constituem suas subjetividades, contudo o domínio da tecnologia digital sonora – *vai lá na lan house e baixa as músicas e grava no computador* – e o hábito de escutar as emissoras de rádio comerciais dirigidas ao segmento jovem ou músicas armazenadas em arquivos digitais mp3 através de aparelhos receptores portáteis acompanhados de fones de ouvidos – *E tem uns que preferem o celular..trilha individual* – estão ali, presentes, à semelhança de outros momentos de recreio em outros pátios escolares, talvez variando a intensidade e a facilidade de acesso: eles frequentam as *lan houses* por tempo determinado e de acordo com a disponibilidade de recursos próprios ou da família.

No Brasil comumente são denominados *lan houses* os espaços comerciais onde o cliente pode locar o tempo de uso de computadores para acessar conteúdos digitais disponíveis em rede ou não a partir do ambiente virtual, ou ainda conectar o seu computador portátil a internet mediante pagamento. A finalidade principal de uma *lan house*, à semelhança de um *cybercafé*, é o acesso à informação rápida pela rede e o entretenimento através dos jogos. Os sujeitos desta pesquisa referem-se às *lan houses* como os lugares por eles frequentados para acessar jogos eletrônicos em rede ou fora dela; fazer *downloads* de músicas e comunicar-se com amigos e outros membros das comunidades virtuais a que pertencem através de e-mails, de programas de mensagens instantâneas (*MSN Messenger, Skype*) e sites de relacionamento (*Orkut, My Space, Facebook*). Muitos daqueles garotos e garotas que participavam da equipe da Rádio Gaiola ou *ficavam na volta* ouvindo e olhando, fora do horário da escola trabalhavam para incrementar a renda familiar e ter como pagar pelo acesso à internet.

Montado o cenário, instalados os equipamentos, o toque da campanha sinalizava o início do recreio e a música começava a tocar. Em dias de chuva a rádio Gaiola não ia ao ar, fato sobre o qual os seus *fiéis ouvintes* reclamam:

Marcos (13 anos): É assim, oh...dia de chuva não tem a rádio da escola. O recreio fica sei lá...no silêncio. Eu gosto da rádio, de

andar por aqui enquanto as gurias estão dançando, conversando. [...] *A rádio é o momento!*... Só não gosto quando começa a pagodeira, aí é assim, não dá pra querer. Aquelas doidas que se acham só porque escolhem as músicas. Os caras não fazem isto. [grifo das autoras]

Segundo Dayrell (2005) a música acompanha os jovens em grande parte das situações: música como fundo, como linguagem comunicativa que dialoga com outros tipos de linguagem, música como estilo expressivo ou artístico. Dito de outra forma, “são múltiplos as dimensões e os significados que convivem no âmbito da vida interior e das relações sociais dos jovens, sendo mais vivida do que apenas escutada” (DAYRELL, 2005, p. 36). De acordo com Janotti Jr (2005), a adesão a determinado estilo musical ou mesmo a forma de consumo de diferentes sonoridades como prática cultural se constituem como marcadores identitários que diferenciam cada jovem dos demais e, ao mesmo tempo, os une como iguais. As manifestações culturais inscritas no mundo musical acabam por produzir grupos de indivíduos que frequentam os mesmos lugares, vestem-se de forma quase igual, conversam sobre os mesmos assuntos.

Ao transitar pelos recreios, observávamos que o gosto musical é um dos marcadores identitários que aproxima ou diferencia os diversos grupos juvenis. *Pagode, pop, samba, rap*. Há aqueles que preferem o *funk*, como as garotas da sexta série, para quem ouvir o som da rádio é fundamental na escolha da “melhor árvore” entre as poucas que existem pelo pátio. Elas comentam:

Grazi: Aqui a gente tá bem no agito, no centro [...] E a gente gosta do som da rádio da escola.

Pesquisadora: E o que toca na Rádio Gaiola?

Grazi, Bia e Nati respondem juntas: Funk, né?

Pesquisadora: E qual vocês preferem?

Nati: MC Marcinho, tem o MC Leozinho e outros.

Além dessas garotas, também (re)conhecemos um outro grupo de jovens alunos que percorria diferentes espaços do pátio, cujos limites eram demarcados pelo som da rádio, ou nas palavras de Nessa (14 anos): “A gente nunca está num lugar, mesmo. Anda pra lá e pra cá, daí a gente vai indo em busca de agito. Entre a rádio, a calçada ali e a quadra”. Ao indagarmos se esses jovens não sentavam num determinado banco, obtivemos a seguinte resposta:

Chocolate: Não, lá é a parte deles, dos que ficam pra lá.

Pesquisadora: Deles, de quem?

Chocolate: Dos roqueirinhos, do pessoal que curte rock.  
Pesquisadora: E vocês conhecem aquele pessoal?  
Chocolate: Não, a gente é outro estilo.  
Pesquisadora: Que estilo vocês seriam?  
Chocolate: Pagofunk !  
Pesquisadora: Como ???  
Nessa: Pagofunk! Pagode com Funk. Tem até uma música com esse nome. (Nessa referindo-se à música de mesmo nome de MC Ricardo)

Além das garotas, integrantes de outros grupos de jovens alunos durante a conversa, expressaram que adoravam o estilo *funk*. Conforme considerações de Dayrell (2005) por intermédio do *funk* os jovens podem ressaltar um clima de festa, a fruição do prazer, a alegria de estar junto, sendo que esse estilo aparece, conforme descreve o autor, como “espaços e tempos de vivência da condição juvenil, constituindo-se um estilo de vida fluido e com interferência limitada nas outras esferas da vida dos jovens” (idem, p. 123).

Contudo, entre os garotos, o *funk* não é uma unanimidade. Talvez o grupo mais diferenciado seja aquele dos fãs do *rock*. Nas visitas feitas aos recreios da escola, uma única vez este estilo foi contemplado, corroborando a afirmação da garota vestindo a camiseta com o logotipo do *Led Zeppelin* que havia expressado sua afiliação musical na primeira reunião do grupo dizendo-se a única ali. Entre os apreciadores do *rock* reconhecemos Mel (15 anos), aluna da sétima série, aquela garota que habitualmente vestia camisetas promocionais de bandas. Ela argumentou que é muito difícil gostar do que não se conhece. “Elas não conhecem *Rolling Stones*. Não sabem quem foram os *Beatles*. Essas gurias acham que *Titãs*, *Paralamas* e *Rita Lee*, são MPB. Dá pra acreditar?”

Veiga-Neto (2002, p.36) assinala que “os marcadores identitários – aqueles símbolos culturais que servem para diferenciar, agrupar, classificar, ordenar – inscrevem-se no próprio corpo”. Garbin e Dutra (2011), a partir do pensamento deste autor, argumentam que num mundo globalizado onde convivem o tribal, o local e o global, propriamente dito, os espaços urbanos – e a escola é um destes espaços - adquirem “novas dimensões, lúdicas e simbólicas, celebrando uma ‘socialidade’ visível nos corpos juvenis que circulam nos espaços lisos e fendas das metrópoles” (idem, p. 4). O momento/espaço do recreio parece adquirir esta configuração de espaço menos regulado no contexto escolar por cujas fendas se podem vislumbrar nos corpos

dos jovens alunos suas afiliações a diferentes estilos musicais: as camisetas de Mel eram a materialização de sua identidade juvenil *roqueira*.

Há ainda que considerar sobre estes marcadores que, apesar de Mel apresentar uma argumentação permeada por um recorte de gênero: gostar ou não gostar, conhecer ou não conhecer rock, na sua visão, era uma questão ligada ao feminino, segundo Gustavo (14 anos) a questão da afiliação ao rock estava mais ligada à própria sonoridade no momento do recreio e a necessidade de *controlar* o ambiente e a questões operacionais: “o *rock* é muito barulho. Só uns que gostam e não trazem os cds, aí não rola. Enquanto toca *rock* a gente não pode conversar, ouvir o que quem está na volta está comentando e aí sabe como é... tem que estar ligado, senão dança!”.

Mas ainda retomando este cenário fugaz, fluido, que se desfaz à medida que o sinal começa a tocar; momento em que a rádio encerrava a programação, o som era desligado, os equipamentos retirados, o corredor atrás das grades fica vazio, indicando que mais um recreio terminou; era possível observar que durante aqueles 15 minutos diários, o recreio tinha uma existência intensa e não menos tensa do que as diferentes situações que ocorrem dentro da sala de aula e em outros lugares do pátio entre os grupos, principalmente grupos que curtem diferentes estilos musicais.

Em conversas com diferentes grupos foi possível constatar que a Rádio Gaiola é alvo de interesses múltiplos e que também ali encontramos narrativas que separam as garotas que *são legais* e as garotas *que se acham*. Tais narrativas fazem referência a condutas que envolvem relações de poder e de gênero, implicando uma tensão entre colegas da mesma turma, de sexos opostos e que pertenciam a grupos diferentes. Estas tensões também aparecem nas narrativas que envolvem a Rádio Gaiola, como destaca Maurício, aluno da oitava série, ao se referir a uma das garotas que atuam na programação da emissora.

Maurício (15 anos): Eu até gosto de ficar ouvindo o som da rádio no dia dos guris. As gurias que ficam lá tocando música *se acham*... não querem que a gente escolha nada. Tô fora.

Pesquisadora: Mas por que *elas se acham*? O que elas fazem que tu não gostas?

Maurício: Pô, não dá! Elas só querem tocar funk. Aquelas *músicas de mulherzinha e ficam dando mole pros caras*... Tem uma tal de Leydinha que pode para. Se eu tivesse na rádio, ela não tava. Já viu mulher falando nas rádios? [grifos da autora]

Sabat (2004) assinala que as identidades de gênero e sexuais não são naturais como se supunha ser, pelo contrário, bem como as identidades de raça, etnia, classe social, dentre outras, elas precisam ser constantemente produzidas e normalizadas. Assim, pode-se ressaltar, conforme a autora (2004, p. 98), que é “a representação que nos permite relacionar a educação com a produção de identidades, onde determinados elementos ensinam modos específicos de feminilidade e de masculinidade; ensinam formas corretas de viver a sexualidade”. A partir de tais colocações, podemos também refletir sobre o fato de que “todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído” (WOODWARD, 2000, p. 18).

As considerações de Gill (1996) e Walkerdine (1998) também nos ajudam a pensar a presença das garotas na Rádio Gaiola e comentários como estes tecidos por Maurício. Segundo Gill, há uma série de discursos que têm servido para justificar a ausência das mulheres dos microfones e da produção da programação das rádios. O poder atribuído a quem fala ao microfone ou determina o que será veiculado resulta de um processo cultural fundamentado em algumas crenças: a voz feminina tem menos credibilidade; as ouvintes aderem com mais facilidade às vozes masculinas e às melodias que apelam para as emoções – “músicas de mulherzinha”.

Conforme Walkerdine (1998), o fato das representações masculinas aparecerem ligadas a aspectos como a brincadeira, a criatividade, a travessura, que rompe as normas ou é racional; enquanto as representações femininas estão ligadas ao trabalho, à brincadeira que segue as normas, à bondade, ao bom comportamento e a irracionalidade marcada pela emoção. Para a autora, as garotas que se mostram travessas e firmes, rompendo com padrões e normas se chocam com barreiras discursivas que as representam como descaradas, excessivamente precoces, *uma mulherzinha sedutora que ameaça*.

Vale aqui lembrarmos outro aspecto que tem caracterizado as relações de poder e gênero nesta cultura escolar e que também está presente na cultura da mídia, como expõe Maurício: “Já viu mulher falando nas rádios?”. As emissoras de rádio comerciais que compõem o segmento de público jovem têm sua equipe predominantemente composta por homens. Quanto mais popular a emissora, menor a presença de locutoras. Neste sentido a cultura da mídia “ensina” sobre o lugar a ser ocupado pelas mulheres e quem são e como são estas mulheres que ocupam lugares tidos como masculinos, afinal se elas estão lá é por que *se acham e não são legais*.

## **AINDA ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ENQUANTO A MÚSICA PARA...**

Nas narrativas de jovens alunas e alunos é possível perceber, então, de forma reiterada a presença da cultura da mídia – citações referentes a emissoras de rádio, bandas, intérpretes e estilos musicais com intensa exposição midiática – como lugar em que o poder se organiza e ‘educa’, local de informação e entretenimento, onde circulam também concepções de gênero, sexualidade, raça, etnia, classe social. Nestes territórios – momentos, lugares e corpos jovens – se produzem e multiplicam as novas e diferentes sociabilidades, novos mapas de afetos em que se inscrevem os jovens alunos a partir de relações de poder, práticas e narrativas intensamente performativas e marcadamente fugazes, que duram muitas vezes somente o tempo do recreio da programação diária da Rádio Gaiola.

Através de suas escutas, vestes, gestos que às vezes se travestiam de cenas quase teatrais, percebemos como a mídia e as práticas de consumo sonoro musical dos jovens alunos acabam por atuar como lugares de aprendizagem sobre música, práticas de escuta e sobre as identidades juvenis.

Neste sentido, a constante necessidade de “reinventar histórias e narrativas sempre envolvidas em redes de poder” ressaltada por Silveira (2005), vai ao encontro da argumentação de Bauman (2005) sobre a condição frágil e eternamente provisória das identidades neste nosso mundo líquido-moderno que propõe a cada homem ou mulher a tarefa de encontrar e construir uma identidade.

Refletindo sobre o que nossos ouvidos sintonizaram e nossos olhos observaram, podemos perceber investimentos intensos e reiterados nesta tarefa de encontrar, fabricar, construir identidades juvenis por parte dos alunos. Da mesma forma constatamos o momento do recreio como um espaço/tempo das rotinas cotidianas da escola privilegiado para compreender como estas identidades juvenis são produzidas e reproduzidas, disputadas, negociadas, permeando narrativas e práticas sociais. Desta forma, pensamos que a escuta destes jovens alunos que constituem as nossas escolas se apresenta como uma possibilidade e um desafio para a Educação.



## REFERÊNCIAS

BRADY, Jeanne. Multiculturalismo e o sonho americano. In: STEINBERG, Shirley R.; KINCHELOE, Joe (orgs.). *Cultural infantil: A construção corporativa da infância*. Trad. George Eduardo Jupiassú Brício. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CARRANO, Paulo. Identidades culturais juvenis e escolas: arenas de conflito e possibilidades. In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria (orgs) *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COSTA, Marisa Vorraber. Quem são, que querem, que fazer com eles? Eis que chegam às nossas escolas as crianças e jovens do século XXI. In: MOREIRA, Antônio Flávio; GARCIA, Regina Leite; ALVES, Maria Palmira (orgs.) *Currículo: pensar, sentir, diferir (v.II)*, Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Diferentes, Desiguais e Desconectados – mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

GOTTSCHALK, Simon. Postmodern sensibilities and ethnographic possibilities. In: BANCKS, Anna; BANCKS, Stephen P. (orgs). *Fiction and social research: by ice or fire*. Walnut Creek: London: New Delhi: Altamira Press, 1994.

DAYRELL, Juarez. A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

DAYRELL, Juarez. (2007) A escola ‘faz’ as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol.28, n100 – Especial, p. 1105-1128, out.2007.

FEIXA, Carles. A construção histórica da juventude. In: CACCIA-BAVA, Augusto; FEIXA, Carles; GONZÁLES, Yanko.(org) *Jovens na América Latina*. São Paulo: Escrituras, 2004. p.257- 327.

GARBIN, Elisabete Maria. Cenas Juvenis em Porto Alegre: “Lugarizações”, nomadismos e estilos como marcas identitárias. In: SOMMER, Luís Henrique, BUJES, Maria Isabel (orgs.). *Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens*. Canoas, RS: Ed. ULBRA, 2006.

GARBIN, Elisabete Maria; DUTRA, Isabela. *Achas meu visual bizarro? Eu, nem tanto!:* efeitos visuais e processos de subjetivação de jovens que circulam nas metrópoles”. In: (ANAIS) 4º Seminário Brasileiro/ 1º Seminário internacional de Estudos Culturais e Educação. Canoas, RS: Ed. ULBRA, 2011.

GILL, Rosalind. Ideology, gender and popular radio: a discourse analytic approach. In: BAEHR, Hellen & GRAY, Ann (eds.). *Turning it on. A reader in Women & Media*. London: Arnold, 1996.

GREEN, Bill & BIGUN, Chris. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Alienígenas na sala de aula – uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 199).

JANOTTI JR, Jeder Silveira. Mídia, Cultura Juvenil e Rock and Roll: comunidades, tribos e grupamentos urbanos. En: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (orgs) *Comunicação e Cultura das Minorias*. São Paulo: Paulus, 200).

LINCK, Rosane Speggiorin. *Hora do recreio!:* processos de pertencimentos identitários juvenis. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

MARGULIS, Mário; URRESTI, Marcelo. Moda y Juventud. In: MARGULIS, Mário (ed.). *La juventud es más que una palabra*. 2 ed. Buenos Aires: Biblos, 2000. p. 133-145.

QUADROS, Marta Campos de. *Tá Ligado?!:* Práticas de escuta de jovens urbanos contemporâneos e panoramas sonoros na metrópole, uma pauta para a Educação. 2011. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil.

ROCHA, Cristianne Famer. O espaço escolar em revista. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Estudos Culturais em Educação: Mídia, Arquitetura, Brinquedo, Biologia, Literatura, Cinema,...* Porto Alegre: UFRGS, 2000.

SABAT, Ruth Francini Ramos. Só as bem quietinhas vão casar. In: MEYER, Dagmar E., SOARES, Rosângela de F. R. (orgs.). *Corpo, Gênero e Sexualidade*. Porto Alegre: Mediação, 2004.

SANTOS, Lisiane Gazola dos. *Sons das Tribos – compondo identidades juvenis em uma escola urbana de Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Discurso, escola e cultura: breve roteiro para pensar narrativas que circundam e constituem a educação. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (org.). *Cultura poder e educação: um debate sobre estudos culturais em educação*. Canoas, RS: Ed. ULBRA, 2005.

VEIGA-NETO, Alfredo. Espaços, tempos e disciplinas: as crianças ainda devem ir à escola? In: *Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender*, Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE). Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

VEIGA-NETO, Alfredo. As idades do corpo: (material)idades, (divers)idades, corporal(idades), (ident)idades... In: GARCIA, Regina (org.) *O corpo que fala dentro e fora da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

WALKERDINE, Valerie. La cultura popular y la erotización de las niñas. In: CURRAN, James; MORLEY, David; WALKERDINE, Valerie (comp.). *Estudios Culturales y Comunicación. Análisis, producción y consumo cultural de las políticas de identidad y el posmodernismo*. Trad. Esther Poblete e Jordi Palou. Barcelona: Buenos Aires: Paidós, 1998.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e Diferença – A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, (2000).